Acervo ISA

SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte OGlobo
Data 21/1/99 Pg 4
Class. PCTR0496

Livro revive a tragédia de Chico Mendes com última entrevista e novas denúncias

Carta enviada a delegado em novembro de 1988 deixa a Polícia em situação delicada

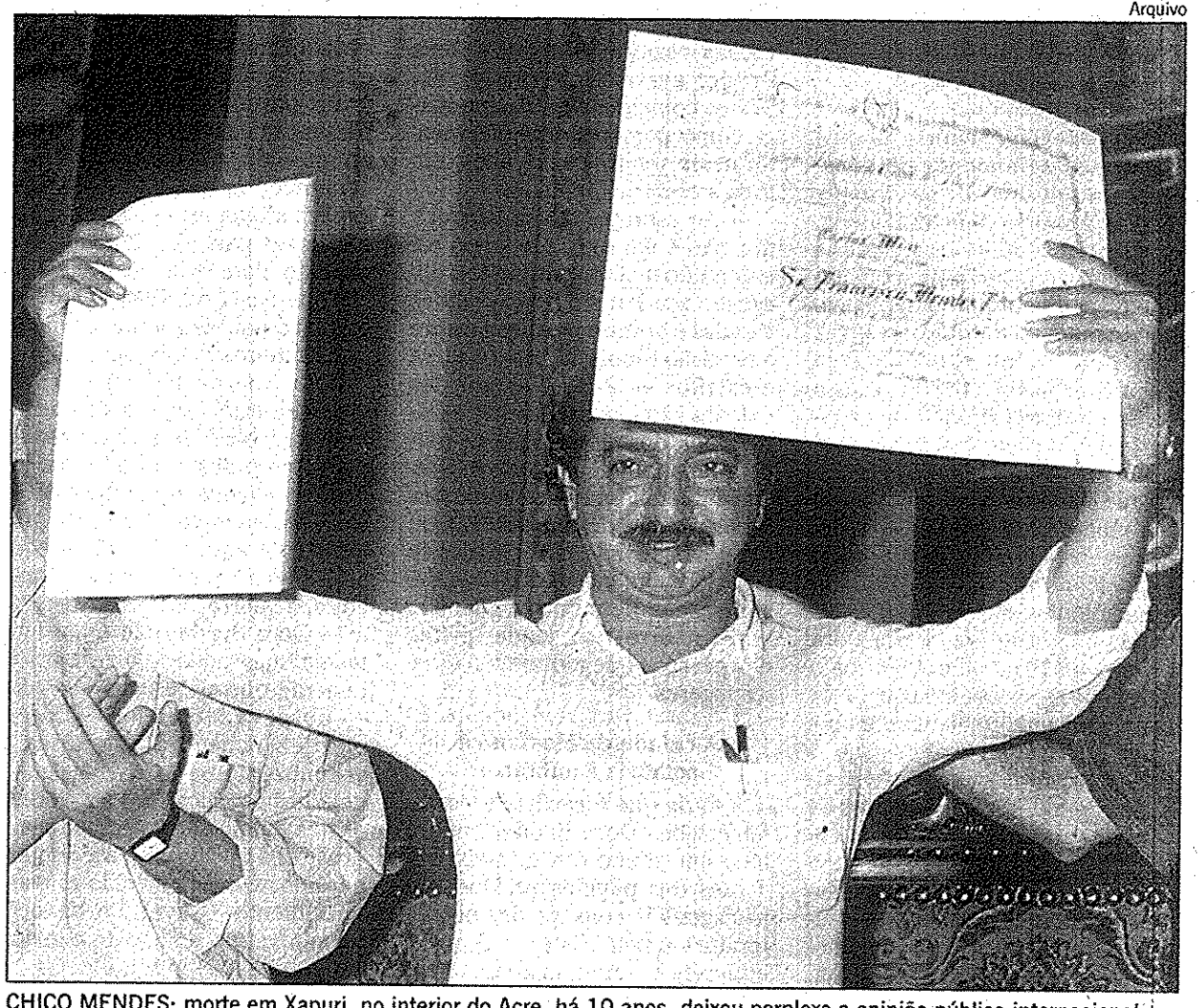
Chico Mendes— Um povo da floresta, *de Edilson Martins. Editora Garamond, 102 páginas, R$ 10*

Wilson Thimoteo

'Se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte iria fortalecer nossa luta, até que valeria a pena. Mas a experiência nos ensina o contrário. Ato público e enterro só não salvarão a Amazônia. Quero viver". Esse depoimento profético é um dos trechos da última entrevista do líder sindical e ecologista Chico Mendes. Treze dias depois era fulminado, no interior de sua casa, na cidade perdida de Xapuri, no Estado do Acre.

Uma morte que tinha tudo para ser mais um crime impune, quase corriqueiro, praticado nos confins da Amazônia. Mas que, em menos de 24 horas depois, se transformou num acontecimento político, com ampla repercussão. Desconhecido em todo o país, com poucas incursões nas organizações internacionais, o assassinato de Chico Mendes injuriou o país e deixou a opinião pública internacional perplexa.

Arquivo



CHICO MENDES: morte em Xapuri, no interior do Acre, há 10 anos, deixou perplexa a opinião pública internacional

Delegado teria avisado os Alves sobre pedido de prisão

"Chico Mendes — Um Povo da Floresta" marca os 10 anos da morte do líder ecologista, e deixa a Polícia Federal em situação delicada no complô que determinou o seu assassinato. Numa carta dirigida diretamente ao superintendente da Polícia Federal, no Acre, delegado Mauro Spósito, datada de 30 de novembro de 1988, 22 dias antes da tocaia que o matou, Chico Mendes denuncia a conivência do órgão com os seus futuros matadores. No texto, Mendes diz que a polícia militar de Xapuri, ao tentar cumprir um mandado de prisão expedido pelo juiz da Comarca de Umuarama (Paraná) contra a família Alves — Darli e Alvarino —, cercou a fazenda de sua propriedade, mas já não os encontrou. Haviam sido avisados.

No documento a Spósito, Mendes afirma que "na ocasião, houve muita especulação sobre quem devia ter avisado os pistoleiros. E, para a surpresa minha e de todos os meus companheiros, tivemos a informação de que o senhor foi o autor do aviso, ou seja, deu todas as dicas para que os mesmos se livrassem da prisão."

O livro "Chico Mendes — Um Povo da Floresta" faz a crônica dessa morte anunciada: "o que mais impressionou os seus amigos, aqueles que tiveram o privilégio de conviver com alma tão simples e iluminada, foi a naturalidade com que ele caminhou na direção da própria morte. A gente sabia que a vida, nessas áreas de cobiça, não vale nada. A gente sabia que os números sobre seringueiros assassinado revelados por Chico Mendes não eram figuras de retórica. Mas a gente duvidada. O Brasil ignorava".

O Bispo da Prelazia do Alto Purus e Juruá, dom Moacir Grecchi, liderança religiosa que muito ajudou Chico Mendes, observa no livro que "eu sempre vejo a sua morte dentro de um contexto. Ele foi o octagésimo-quarto homem ligado ao campo, à floresta, à terra, assassinado no ano de 1988. E até o final daquele ano o número chegaria a 96, segundo os dados da CNBB. Trata-se de um processo de extermínio de lideranças.

A partir do assassinato de Chico Mendes a questão ambiental deixou de ser a mesma. Não mais um movimento de grupos ruidosos a infernizar a vida de empresas poluidoras, não mais uma ação de histéricos a anunciar o fim do mundo. A repercussão da morte polemizou a questão ambiental e mostrou ao mundo que a mais extensa mata contínua da Terra estava sendo agredida, desmatada, queimada para servir de pasto a projetos agropecuários, madeireiros ou para extração de minérios, financiados por bancos internacionais.

O livro não se detém apenas na trajetória de Chico Mendes. Edilson Martins mostra também a situação atual da Amazônia, principalmente no capítulo dos garimpos e das madeireiras. "Nas duas últimas décadas — 70 e 80 — cerca de 3 milhões e 200 mil metros cúbicos de mogno foram retirados da Mata Amazônica e destinados à exportação. Para se ter uma idéia do impacto ambiental provocado por esses desmatamentos desordenados, basta saber que, para cada metro cúbico extraído, 28 árvores de diferentes espécies são dizimadas, e que, para cada árvore abatida, cerca de 1.450m² de florestas são danificados". ■

WILSON THIMOTEO *é jornalista*